

O FRACASSO DA ESCOLA

John Holt, professor da “Harvard Graduate School”, deve ser incluído no movimento da crítica a escola, como instituição educadora pela temática que aborda em seus artigos e ensaios publicados durante a década dos sessenta.

Sua opinião sobre a nova escola se resume nestas palavras: “Permitir que cada criança fosse planejador@, diretor@ e acessor@ de sua própria educação; ou de, com a inspiração de pessoas de maior experiência e perícia, e com toda ajuda que solicitar, permitir e estimular que decida o que quer aprender, quando e como quer aprender e até o ponto que está aprendendo bem. Consistiria em transformar nossas escolas do que são atualmente, isto é, cárceres para menin@s, em uma fonte de aprendizagem livre e independente que qualquer pessoa da comunidade, da idade que for, poderia utilizar na medida que desejar.”

A educação, algo que cada um@ deve conseguir por si mesmo@, é tudo aquilo que contribui para aumentar a compreensão do mundo e a capacidade própria de desenvolvimento e prazer, e para adquirir liberdade, dignidade e valores pessoais no contexto em que vive. A autêntica educação supõe à pessoa:

- **Maior compreensão do mundo**
- **Maior desenvolvimento da personalidade.**
- **Possibilidade de encontrar um ofício para poder abordar os problemas reais do mundo em que vive e servir a causa da Humanidade.**

De acordo com esses objetivos, a escola deveria “transmitir” as crianças as tradições e valores superiores de nossa própria cultura, familiarizar-se com seu mundo e prepará-las para o trabalho”. As escolas não realizam bem nenhuma destas funções. É preciso transformar a aula em algo diferente, “um lugar distinto”.

Nas aulas ainda há crueldade, ainda que não se ensine pela violência física; ao menos com esta @s alun@s reclamariam o dano ao responsável por ele, e procurariam, por tanto, defender-se ou corrigir-se de alguma forma.” Mas as crianças não podem se defender, nem o fazem, contra a maior parte do dano que lhes infringe nas escolas porque desconhecem o que estão fazendo ou quem o faz, ou porque, ainda que conheçam, acreditam que devem se fazer pessoas felizes por seu próprio bem” E este mal se inicia com a atitude d@s alun@s diante da ameaça e ao não bem interpretado respeito ao saber e @ maestr@, aprendem que não valem para nada, que não são dignos de confiança, que só servem para obedecer ordens e que estão expostos, como uma folha branca, a que outr@s escrevam nel@s e os moldem sem nenhuma possibilidade de averiguar como são e de desenvolver sua personalidade, qualquer que seja, aceitando a avaliação que lhe fazem @s adult@s, e a crueldade chega até a considerar estupidez e incapacidade de aprender o que é inteligência, vivacidade não-generosidade d@s alun@s.

Outro sintoma de doença da escola é o sentimento de **competitividade** ou de luta para alcançar um maior prestígio, não tanto por uma melhor formação d@s alun@s quanto pela boa fama da



Instituição; as pontuações sobressalentes d@s alun@s, sobre tudo nos níveis superiores e secundários, são “rentáveis” para o centro de ensino no aspecto acadêmico e científico, no prestígio social, na influência a nível político e econômico.

Na escola atual @s professor@s levam sempre “a voz calante, ou seja, “falam demais”. E o fazem não só na lição magistral, mas também nas discussões suscitadas na classe em torno de um tema determinado, dominando tod@s @s interlocutor@s e dizendo sempre “a primeira e última palavra”; é uma escola de monólogos, e silêncios: os alun@s se habitua a “desconectar”, total ou parcialmente, sua atenção ao que dizem @s professor@s, chegam ao ponto de esquecer como voltar a se “conectar” e prestar atenção, quando o professorado não deixa falar, @s escolares não podem abster-se... “a autêntica aprendizagem se produz somente quando quem aprende desempenha um duplo papel, quando ao mesmo tempo é alun@ e professor@, atuante e crític@, ouvinte e falante”.

Os exames constituem outro fator negativo em fazer docente-discente. O exame favorece alun@s astut@s, “rápid@s, adivinhador@s, ativ@... E deixa em desvantagem @s que trabalham menos rapidamente ou de forma mais reflexiva. A experiência demonstra que as boas qualificações não garantem a melhor formação d@s alun@s; assim é um dos maiores prejuízos que o sistema de exames pode carregar as crianças é negar-lhes “a possibilidade de julgar seu próprio trabalho”.

Contribui também ao fracasso da escola atual, a assistência obrigatória que exige d@s alun@s a permanência tediosa entre quatro paredes, que significam ameaça, repressão, imposição de limites, claustrofobia... **sentimentos contra a liberdade.**

John Holt segue denunciando em suas análises da escola, os graves defeitos ou excessos que a condenam como lugar e ocasião, propícios para a “des-educação” das crianças por meio da competitividade, de avaliações, disciplina rígida, de monólogos magistrais, de aprendizagem repetitiva y mecânica. Tudo isso mina o cimento da autêntica educação para atender a atender os dois grandes princípios do fazer escolar: a **liberdade e a comunicação.**

A autêntica educação se move nas coordenadas **da individualidade pessoal e da convivência social: paz, luta contra o racismo, o trabalho e o ócio, o cuidado do meio ambiente, a liberdade.**

O “essência” da questão educativa é precisamente que o homem e a mulher cheguem a viver em liberdade por meio da educação, mas “ser livre” e “educar-se para liberdade” não podem ser simplesmente “slogans” cada dia mais repetidos, mas vivências autênticas que se experimentam a todo momento, e das quais é consciente o próprio sujeito.. “todo aquilo que façam as pessoas sentirem-se menos livres, diminui e ameaça a liberdade”.